A Europa está à beira de uma “guerra irracional”

(Maria João Caetano sobre Conferência de Viriato Soromenho Marques, in CNN, 15/12/2025)

A Europa está à beira de uma guerra nuclear? Viriato Soromenho Marques, que se diz um otimista, quer acreditar que não, que haverá, ainda, líderes políticos suficientemente inteligentes para porem um travão na escalada que vivemos nas relações entre a Europa e a Rússia. Mas o filósofo confessa que há momentos em que é difícil ter esperança.

“Eu fiz as contas. No dia 12 de janeiro do próximo ano, a guerra na Ucrânia, a tal operação especial, como dizem os russos, terá mesma duração da guerra da Alemanha com a Rússia na Segunda Guerra Mundial. São 1.418 dias. De 22 de junho de 1941, quando Hitler invade a União Soviética, até 8 de maio de 1945.” No dia 12 de janeiro de 2026, completam-se 1.418 dias de guerra da Ucrânia. “E não me parece que neste momento a Rússia esteja esgotada”, diz. “Tudo indica que este esforço de guerra está a acontecer com economia de meios e com economia de baixas”, diz Soromenho Marques. Podemos estar numa escalada que obrigue a Rússia ou a desistir ou então a passar para a fase seguinte, com as armas nucleares, antecipa. “A verdade é que não temos nenhum exemplo de uma guerra anterior entre potências nucleares. O meu receio é que ninguém saiba controlar esta escalada”.

Foi na passada sexta-feira, numa noite de inverno, fria e chuvosa, que um grupo de “corajosos”, como lhe chamou Viriato Soromenho Marques, se juntou no auditório da Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva para o debate “Guerra e paz: respostas, causas e soluções de hoje”, o último dos três debates do ciclo “Uma ideia de harmonia”, comissariado pela jornalista Alexandra Carita. Na mesa estava também Tatiana Moura, diretora da

plataforma masculinidades.pt e investigadora do CES – Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Mas foi o filósofo e professor da Universidade Nova de Lisboa que, inegavelmente, dominou a conversa.

Em 1983, em plena Guerra Fria, Viriato Soromenho Marques era um jovem a fazer inter-rail e passou algum tempo em casa de um amigo em Witten, na Alemanha. A estadia coincidiu com muitas manifestações pela paz devido à crise dos "euromísseis". "Nessa altura, a tensão entre o Pacto de Varsóvia e a NATO tinha crescido de forma exponencial. Novos mísseis estavam a ser colocados, quer do lado soviético, quer do lado norte-americano e europeu", recorda o filósofo que tem atualmente tem 68 anos. "Só que nessa altura existia uma literacia sobre a guerra nuclear que hoje está completamente ausente", diz, lembrando, por exemplo, que a mãe do amigo, que era dona-de-casa, "saía da sua casa e ia para a rua protestar"; ou ainda que havia uma canção "muito medíocre" que nesse verão foi um sucesso na Alemanha, intitulada "Besuchen Sie Europa (solange es noch steht)" – "Visita a Europa enquanto ela ainda lá está", que falava precisamente dessa ideia de que "isto vai acabar tudo em breve".

Terá sido esta vivência que o despertou para o problema da guerra na Europa. Depois dessa viagem, Viriato começou a pesquisar e a fazer entrevistas e, em 1985, publicou o livro "Europa, o risco do futuro: a incerteza estratégica dos anos 80". O livro foi publicado duas semanas antes de Gorbachev tomar posse, iniciando o caminho para o fim da Guerra Fria.

"Isto que está a acontecer agora [na Europa], para mim, tem 42 anos. Isto não começou no dia 24 de fevereiro de 2022", diz, concluindo: "Para mim, isto é um pesadelo, porque eu, nessa altura, já era ambientalista e olhava para estas duas grandes ameaças. Por um lado, o ataque cardíaco. A guerra nuclear será um ataque cardíaco. Por outro, a esclerose generalizada, que é um processo de morte, mas mais lento, que é a crise ambiental", diz, introduzindo aqui um tema que é essencial no seu pensamento. Mas já lá vamos. Para entender o que se passa hoje na Europa o professor recua, precisamente, até à Guerra Fria e ao modo como esta terminou. E talvez, até, seja preciso recuar um pouco mais, para percebermos porque é que existem guerras.

As guerras são evitáveis?

“Em toda guerra existe violência, mas nem toda violência é guerra. Isto é importante porque a violência pode ser exercida pelo indivíduo, está relacionada, individualmente, com a agressividade. Mas a condição fundamental para a guerra é a existência de uma entidade artificial, que é o Estado – uma estrutura que é uma pessoa coletiva, uma estrutura sem paixão, que decide do uso da violência bélica”, explica Viriato Soromenho Marques.

É por isso que para perceber as guerras é preciso entender o conceito de Estado soberano. “A guerra e a paz entre nações está também associada à teoria do contrato social, que se parece um pouco com a física atómica”, diz. “Temos os indivíduos que são pequenos átomos e que depois se organizam em moléculas que são sociedades.” Na ordem política e na ordem legal, existe um poder de sanção. Mas, neste aspeto, “a analogia com a sociedade das nações é imperfeita. Porque na sociedade das nações não existe esse poder de sanção, é um direito imperfeito. Isto é, podem existir tribunais internacionais. Há tratados. Há uma Organização das Nações Unidas. Mas não existe um poder comum capaz de aplicar a sanção. As grandes potências não são sancionáveis.”

Thomas Hobbes, pensador dos séculos XVI e XVII, dizia que “os príncipes e os Estados estão permanentemente em estado de natureza, ou seja, preparados para a guerra. E não há nenhum tratado, não há nenhuma lei internacional que leve os príncipes a dormir descansados. É por isso que têm exércitos permanentes. Porque há uma desconfiança permanente”.

O professor cita ainda o general prussiano Carl von Clausewitz (“uma espécie de Newton da guerra”), que no século XIX escreveu a obra “Vom Krieg – Da Guerra”, que é, nas suas palavras, “o grande livro contemporâneo sobre a guerra”: “A guerra é uma ação em que a violência é usada como instrumento de objetivos políticos”. Clausewitz diz mais: “A guerra é a continuação da política por outros meios” – uma frase que já todos ouviram. O que é que isto significa? “A guerra tem apenas uma gramática, a política tem a lógica. E deve ser a política que comanda a guerra. Evidentemente que para fazer a guerra é preciso tecnologia, é preciso treino, etc. Mas isso é a gramática. E no limite, se fosse possível, atingir esses objetivos sem a violência, não haveria guerra. Mas sem a violência não há coação. Agora, o que pode acontecer é que, perante a ameaça do uso da força militar, um Estado pode recuar e conceder. Clausewitz

considera que quando a diplomacia falha é muito improvável que se consiga retomá-la sem o sucesso das armas."

"Na guerra existe uma lógica essencialmente de custo-benefício. O pensamento estratégico militar é um pensamento de custo-benefício. É um pensamento instrumental. A ideia de uma guerra de luvas brancas não existe", afirma o filósofo. Não existe guerra sem danos colaterais e sem crimes de guerra. O que os políticos que tomam a decisão de iniciar ou entrar numa guerra fazem é tentar avaliar se vale ou não a pena. Isto, dito assim, pode parecer cruel, mas não é novo. "Os aliados, que venceram a Alemanha nazi, também cometeram imensos crimes. Hamburgo foi destruída em julho de 1943 e 40 mil pessoas foram mortas com bombas de fósforo. Antes das bombas atómicas, que foram crimes de guerra também, porque visaram populações civis, tivemos 700 mil japoneses que foram vítimas de bombardeamentos convencionais pela aviação americana. Isso são crimes de guerra", sublinha.

Uma guerra irracional – onde todos saem derrotados

"Hoje em dia, a guerra que podemos ter será uma guerra absolutamente irracional", diz Viriato Soromenho Marques. Porquê? Segundo os critérios de Clausewitz, a guerra, até 1945, tinha violência, mas tinha racionalidade. "Ou seja, havia sofrimento, mas havia a possibilidade da vitória. Os povos perdiam milhões de vidas, mas atingiam o objetivo e havia vitória. Hoje, uma das características da guerra contemporânea é a possibilidade de haver uma guerra em que todos saem derrotados".

Durante os 40 anos da Guerra Fria, houve um consenso entre os dois lados, explica o professor. A crise dos misseis de Cuba em outubro de 1962, em que o mundo esteve à beira de uma guerra nuclear, "fez com que tanto Krushov como o Kennedy percebessem o que seria a irracionalidade da guerra", diz Soromenho Marques. "O que Kennedy fez a seguir a outubro de 62 foi fundamentalmente um processo de construção da paz, em colaboração com a União Soviética: a criação do telefone vermelho, a proibição de testes nucleares e outras ideias que ele tinha para a frente, de cooperação alargada com a União Soviética e com os países que estavam no Pacto de Varsóvia e que o assassinato impediu. No discurso que fez em Washington em 10 de junho de 63, Kennedy dizia o seguinte: 'Enquanto defendem os seus próprios interesses vitais, as potências nucleares devem evitar os confrontos que levam

o adversário a optar entre uma retirada humilhante ou uma guerra nuclear. Adotar esse tipo de atitude, ou seja, querer insistir numa escalada em potências nucleares, na era nuclear, seria apenas uma prova da falência da nossa política ou de um desejo coletivo de morte'."

Ronald Reagan, que foi presidente dos EUA durante a Guerra Fria, "acolheu positivamente, com entusiasmo, Gorbachev", diz o professor, contando algo que percebeu ao ler as memórias do presidente: "Em novembro de 1983, Reagan foi um dos primeiros americanos a ver o filme 'The Day After' [filme de ficção científica que imagina o que aconteceria após uma guerra nuclear]. E ele ficou aterrorizado com o que viu. É interessante que em janeiro de 84 ele faz um discurso que causou surpresa. Enquanto o discurso do ano anterior tinha sido o discurso do "Guerra da Estrelas", vamos criar um sistema no espaço, o discurso de janeiro de 84 dizia que temos de evitar a autodestruição".

O fim da União Soviética: uma oportunidade desperdiçada

A Guerra Fria prolongou-se, com esse jogo de contenção de forças, até à Perestroika. Viriato Soromenho Marques considera que a transição democrática da União Soviética, com a "dissolução pacifica do Pacto de Varsóvia", "é o único caso que temos na História em que um sistema bipolar acaba porque o outro lado desiste".

Inicialmente, recorda o filósofo, "houve imensa vontade de estabelecer relações, de apoiar economicamente a transição da Rússia porque o que eles fizeram foi uma coisa brutal". Mas logo se percebeu que os interesses económicos se iriam sobrepor ao bem político. Passou-se "de uma economia planificada, que não funcionava, para uma economia de mercado que foi pilhada. O que aconteceu no tempo do Yeltsin foi uma catástrofe para a Rússia. A Rússia perdeu cinco anos de esperança de vida. O desemprego galopou. A mortalidade infantil aumentou imenso. O alcoolismo explodiu. A criminalidade, as mortes violentas. Depois, a formação dos oligarcas, a privatização com as grandes companhias americanas por trás. No fundo, a Rússia era um cadáver gigantesco, 17 milhões de quilómetros quadrados, que estava ali para ser devorado", diz Soromenho Marques.

“Foi uma tragédia. Não só económica, mas também política.” A Europa poderia ter-se tornado um aliado, um parceiro. “Para isso seria necessário criar uma relação de confiança mútua, e isso não aconteceu. Até porque era preciso ter um inimigo; como é que nós vendíamos a expansão da NATO se não tivéssemos um papão do lado lá?”

“O analfabetismo e a russofobia é também uma coisa que nos está a envenenar. Envenena-nos a alma e corrói o pensamento”, afirma Soromenho Marques.

Quando Putin deixou de ser um amigo – as origens da guerra da Ucrânia

Soromenho Marques diz que é preciso “admitir o fracasso de todas as políticas que começaram em 1991, quando os Estados Unidos recusaram integrar a Rússia no sistema internacional” e decidiram deixar a Rússia de fora da NATO. “Esta guerra [na Ucrânia] começou porque a Rússia não tinha garantias de segurança. Pediu primeiramente que a NATO não se alargasse, mas a NATO alargou-se. Depois pediu para não se alargar para zonas que são estratégicas, porque as grandes potências têm zonas de segurança, a que se chama zonas de influência”, e, mais uma vez, isso não aconteceu. Em 2008, em Bucareste, a NATO ofereceu um convite à Ucrânia. “E Putin, que nessa altura era convidado a ir às reuniões da NATO, fez um grande discurso a explicar porque é que isso era uma coisa que não podia ser aceite pela Rússia. Então, Sarkozy e Merkel falam com Bush e decidem arrastar isso para não arranjar problemas.”

“O ponto em que as coisas realmente se transformaram foi com a Praça Maidan. Foi aí que as coisas se tornaram mesmo azedas”, diz o filósofo. “Esta guerra começou aí. A Operação Especial começou na Praça Maidan. O Viktor Yanukovych foi eleito em eleições reconhecidas por todos os observadores, incluindo os nossos, da União Europeia, que estiveram lá. A Victoria Nuland, que era a vice-secretária de estado [dos EUA], esteve pessoalmente a comandar as operações de montagem da Praça Maidan. Inclusive ela, no inverno, em dezembro de 2013, faz uma pequena intervenção, em que chega a dizer que até agora o nosso investimento na Ucrânia foi de cinco mil milhões de dólares. Em 2024, o historiador ucraniano Ivan Katchanovski publicou um livro notável a explicar a Praça Maidan.”

“A Alemanha foi seduzida pela possibilidade de também tirar algum partido da Ucrânia. E, além disso, ninguém acreditava que a Rússia tivesse capacidade para fazer esta guerra. O Biden dizia, em 2017: os russos engolem tudo o que lhe pusermos pela garganta abaixo”, lembra Soromenho Marques. Em 2019, ainda Angela Merkel estava no poder, e a RAND Corporation, que é o principal think tank da política externa americana, publicou um livro que se chamava “Extending Russia”. Esses analistas diziam que se deviam “criar dificuldades em muitos pontos à Rússia para que ela se parta. E um dos objetivos do Extending Russia é impedir a ligação entre a Alemanha e a Rússia. Não só energética. Avisadamente, eles percebiam que uma boa relação entre a Alemanha e a Rússia ia causar problemas a quem queria continuar a ser o dono do mundo”.

O fim do domínio americano e as novas relações de poder

“Os Estados Unidos estão, nesta fase, a passar de interveniente principal, para algo diferente”, afirma Soromenho Marques. “Reconhecem que já não têm capacidade para aquele pesadelo que foi o unipolarismo. Biden foi o último representante da ideia tonta de que era possível os Estados Unidos dominarem o mundo e imporem com recompensas, com violência e com sanções, o domínio. Hoje estamos num mundo completamente diferente.”

E explica: “Do ponto de vista económico, os Estados Unidos são uma sombra do que foram. No auge do poderio americano, no tempo do Truman, 50% do produto interno bruto do mundo era americano. Hoje, os Estados Unidos têm uma percentagem muito menor, estamos a falar de 20%, 21%, para ser otimista. Por outro lado, do ponto de vista científico, a situação é absolutamente avassaladora. No ano passado, um instituto australiano publicou um estudo que era uma análise de 20 anos de inovação científica no mundo, em 64 tecnologias de ponta. E o contraste é absolutamente esmagador. Em 2003, os Estados Unidos dominavam 61 das 64 e a China dominava 3. Em 2023, a China domina 57 das 64 e os Estados Unidos dominam as outras 7.”

“Ou seja, o que temos hoje é um novo sistema internacional. Estamos numa fase horrível que é a transição. As transições são sempre terríveis, mesmo na

vida dos indivíduos", diz o professor. Mas há algo positivo nesta situação, que é o facto de os Estados Unidos "já não considerarem a China como um inimigo com o qual poderiam entrar em guerra em 15 anos, mas como um competidor. Há uma diferença entre competidor e inimigo".

Já em relação à Rússia, na Estratégia de Segurança Nacional (ESN) os EUA assumem o objetivo de "estabilizar as relações com a Europa, nomeadamente com a Rússia. O que não parece uma coisa idiota, parece uma coisa até bastante sensata. Não sei como é que é possível alguém que conheça um pouco da situação atual e da situação histórica pensar que é possível excluir a Rússia do sistema internacional e do sistema europeu, para mim é uma ideia completamente absurda", afirma.

E a Europa no meio disto tudo?

"Estamos a viver o desastre do projeto europeu", diz Viriato Soromenho Marques, lembrando que em 2014 publicou um livro sobre a crise do euro que se chamava "Portugal na queda da Europa". "A tese era que a crise de 2008 não foi uma crise das dívidas soberanas, como se dizia, foi uma crise do euro. O euro foi construído sem qualquer mecanismo que o tornasse uma moeda funcional, não era uma moeda federal. O euro foi criado sem sequer um sistema de prevenção das crises bancárias, por exemplo. Nada. E os países endividaram-se nessa altura para socorrer o sistema financeiro, os bancos, que estavam lá soltos. Os bancos nessa fase inicial faziam o que queriam. Falhámos. O euro podia ter sido a primeira etapa do federalismo europeu, e nós falhámos. Em 2014, a minha perspetiva era que estávamos a entrar num processo de decadência europeia, de queda".

"Só que agora já estamos dentro da queda", admite, dando como exemplo máximo a forma como a Europa está a conduzir esta guerra na Ucrânia. "Primeiro: não temos nenhuma providência, nenhum artigo que conceda os poderes que a senhora Von der Leyen se arrogou para funcionar como se fosse a comandante suprema de uma coisa que não existe, que são as Forças Armadas Europeias. Segundo: existe uma confusão total entre a União Europeia e a NATO. Chegámos a este ponto. Confundimos totalmente. Terceiro: o uso de procedimentos, e dia 18 de dezembro vamos ver se isto vai acontecer ou não, procedimentos que vão conduzir a uma situação dramática".

Depois de na passada sexta-feira a União ter aprovado, por maioria e com os votos contra da Hungria e Eslováquia, uma decisão para manter os ativos russos imobilizados indefinidamente no espaço comunitário, o tema volta a ser debatido esta semana pelos ministros europeus dos Negócios Estrangeiros que vão decidir se esse dinheiro pode ser usado para o empréstimo de reparações à Ucrânia. “Se isso for roubado à Rússia e entregue à Ucrânia, eu acho que não somos só nós, os europeus, que não depositamos mais o nosso dinheiro aqui, são também os estrangeiros que cá têm dinheiro que vão para outro sítio”, antecipa o filósofo. “A gente do mundo árabe, a gente da África, a gente da América Latina, os magnatas, etc., vão para outro sítio. E também os portugueses. Vão transformar esses euros em ienes e vão pô-los na China, ou transformam-nos dólares e põem nos Estados Unidos.”

A escalada atual: “Não podemos, como cidadãos, aceitar este discurso da inevitabilidade da guerra”

Chegamos, assim, aos dias de incerteza em que vivemos. Viriato Soromenho Marques “colecionou” uma série de frases proferidas nos últimos dias por “altos responsáveis políticos e militares da nossa Europa” e que mostram bem o estado do mundo:

3 de novembro: Boris Pistorius, ministro da defesa da Alemanha, falando sobre o plano de reconstrução armamentista da Alemanha, que está outra vez na corrida dos armamentos, está a preparar um sistema que permita a rápida passagem para leste, ou seja, em direção à Rússia de 800 mil soldados da NATO, disse: “Há quem fale que a guerra vai ser em 2029. Há outros que dizem que vai ser em 2028. Mas há alguns que dizem mesmo que gozámos em 2025 o último verão em paz”.

16 de novembro: o general Fabien Mandon, que era conselheiro do presidente Macron, da França, diz que “temos de aceitar perder os nossos filhos, sofrer economicamente”.

3 de dezembro: o almirante Giuseppe Cavo Dragone, chefe do Comité Militar da NATO, disse ao Financial Times que a NATO deveria considerar a possibilidade de uma ação preventiva contra a Rússia.

11 de dezembro: Mark Rutte, secretário-general da NATO, diz que “depois da Ucrânia nós somos o próximo alvo da revolução. E nós precisamos estar prontos. Devemos estar preparados para uma guerra da escala dos nossos avós e dos nossos bisavós. Preparados para a possibilidade de milhões de mortos” e dizendo que, por isso, nós precisamos gastar 5% do PIB na corrida ao armamento.

Entretanto, Vladimir Putin, interrogado numa conferência de imprensa, a seguir às declarações de Dragone, diz: “Se a Europa começar subitamente, o tal ataque preventivo, uma guerra contra nós, eu penso que essa guerra acabará rapidamente. Isso não será a Ucrânia. Com a Ucrânia nós estamos a atuar com precisão cirúrgica, cuidadosamente, isto não é uma guerra no sentido direto, moderno da palavra. Se a Europa começar uma guerra contra a Rússia, em breve, Moscovo não terá ninguém com quem negociar.”

Perante isto, Soromenho Marques questiona-se até que ponto é que aquela ideia de Kennedy, que é fruto do conceito da “destruição mútua assegurada”, ainda estará atualizada. “Na altura de Kennedy existiam 70 mil armas nuclerares. Hoje existem à volta de 13 mil. Mas 13 mil são suficientes para dar cabo de tudo. E eu pergunto-vos, será que estas pessoas partilham desta preocupação?”, questiona.

E ainda, mais incisivo: “A questão que me parece prioritária é não aceitarmos, como cidadãos, este discurso da inevitabilidade da guerra”, diz.

Na sua perspetiva, “uma guerra em que fossem usadas armas nucleares representaria o fim da história”. “Mas vamos pensar que haverá ainda alguma sombra de cuidado com o futuro, e alguma inteligência também, e que não vamos entrar por aí”, diz, recorrendo ao que resta do seu otimismo.

“Qual a possibilidade que temos de sobreviver a isto?” (e “isto” não é só a guerra na Ucrânia)

“Este conflito [na Ucrânia] é o centro do vulcão. Claro que temos conflitos noutros lugares no mundo, mas a Europa é, mais uma vez, o centro do vulcão e é onde, de facto, a situação pode ficar completamente fora de controlo. Mas eu pergunto: será apenas na guerra que estamos fora do controlo? Não me parece.”

Viriato Soromenho Marques tem um olhar mais abrangente. “Nós, europeus, temos muito orgulho na maturidade, com todo o contributo para a ciência e para a tecnologia moderna, mas realmente os grandes desígnios da modernidade, que eram a emancipação humana, que era, como no tempo do gregos, vencer um destino, uma moira, a que estávamos condenados pelos deuses, ou, como dizia depois Descartes, vencer a vida curta, prolongar a vida humana, impedir as tragédias, o sofrimento – será que conseguimos isso? A verdade é que nós construímos um aparato gigantesco para combater esse destino natural, mas temos uma crise existencial na área do ambiente. Portanto, eu colocaria o nosso debate sobre a guerra e a paz no quadro de uma interrogação ainda mais penetrante: qual é a possibilidade que temos de sobreviver a isto? Onde é que erramos? E teremos a coragem para primeiro identificar as causas fundamentais e depois agir em consequência? Ou seja, sermos capazes de fazer a renúncia a tanta coisa que nos acostumamos a considerar fundamental?”

A verdade, diz, “é que estamos numa situação em que, perante os desafios existenciais que temos, nomeadamente o facto de estarmos a viver num planeta que estamos a destruir, que estamos a devorar”, deveríamos estar preocupados com outros problemas. “Quando começou a guerra na Ucrânia, surgiu um artigo chamado ‘Uma guerra no convés do Titanic’. Nós temos que fazer o possível para que ele não afunde. E neste momento não vemos muita gente que esteja preocupada com isto”, lamenta.

Na sua opinião, seria necessária “uma visão integrada”. Em primeiro lugar, deveríamos “tomar consciência da gravidade da situação. Já não é evitar, não, é fazer uma adaptação que permita a continuação da história humana e que permita uma reconstrução do modo como as nossas instituições funcionam, nomeadamente a nossa economia, que é uma economia primitiva. Nós precisamos de uma economia ecológica, ou seja, de uma economia que considere que é um subsistema da ecologia e não o contrário”.

Cícero dizia: “Que a salvação do povo seja a suprema lei”. O filósofo explicita: “Quando a gente fala em salvação do povo, está a falar fundamentalmente da vida das pessoas e da fazenda das pessoas, do que as pessoas têm. A minha preocupação é com a nossa vida. Porque acho que a fazenda já está perdida.”